

Os dois brasis

GERALDO FORBES

Foi Jacques Lambert quem primeiro sintetizou no título do seu já clássico estudo a dicotomia tão clara da nação brasileira. São dois brasis. A marcante repartição não é só econômica — Beldindia de outra bem achada expressão. A divisão é também muito clara na geografia — o Sul dinâmico, o Norte-Nordete langoroso; na cultura — 70% de semi-analfabetos e 30% de semiletrados e por aí em diante.

Todas essas diferenças são potencialmente perigosas não só pela grande distância entre os extremos como, principalmente, por sua tendência à rigidez, se não ao agravamento. O que se quer dizer é que nesses últimos anos em vez de diminuir as diferenças, principalmente as econômicas e de qualidade de vida, têm-se acentuado e com elas inevitavelmente as tensões sociais e já agora as regionais.

Parece evidente que não constituiremos uma grande nação sobre estruturas tão díspares e também parece claro que a capacidade de tolerância popular, acalentada pela indolência dos trópicos e a passividade da alma afro-luso-indo-americana, tem, apesar de enorme, limites finitos e já próximos.

Se são graves, preocupantemente graves para os que amam os filhos e o País, os abismos tão escandalosos e vergonhosos entre as condições de vida de cidadãos da mesma pátria, às vezes vizinhos da mesma rua, patrões e empregados da mesma firma, mais grave e preocupante é porém o verdadeiro fosso que separa hoje o governo federal, a administração e os políticos de Brasília, do Brasil que trabalha nas cidades e nos campos.

O Executivo, nominalmente chefiado pelo dr. Sarney, já demonstrou à farta que não governa, devaneia. Governado pelos acontecimentos e acordado na sua incapacidade, parte congênita, parte adquirida, de compreender e comandar, o presidente refugia-se e defende-se com suas teorias conspiratórias e outras sandices. O Palácio do Planalto, único lugar da terra

onde o Plano Cruzado é considerado um sucesso, transforma-se em hospício e neste quadro é fácil compreender que a reorganização da economia só poderia mesmo ser iniciada, como foi, pela enérgica ação do sr. Ronald MacDonald.

Na medida em que não se governa e não se legisla, as instituições tornam-se cada vez mais longínquas e abstratas. Não havendo governo, governam a Fiesp, a Febraban e cada um em sua loja e indústria. Não é o *laissez-faire*, é a casa-da-mãe-Joana.

Entretanto, embora ausente, o poder existe e pode. Sempre há portarias e regulamentos sendo baixados. Acontece que seu irrealismo (não há ministros ainda discutindo aumentos de salários e preços em bases já há meses ultrapassadas?) faz com que os ordenamentos sejam recebidos com cada vez maior indiferença, quase irritação. Assim, depois da desordem na economia ameaça-nos a desobediência pura e simples às leis escritas, acompanhada e até sobrepujada pelo desrespeito às normas éticas e morais.

Corre-se enfim o risco de ver realizada a citação maliciosa de Levi Strauss no capítulo dos Tristes Trópicos sobre São Paulo — o País pode ir da barbárie à decadência sem sequer passar pela civilização.

No último domingo instalou-se a Constituinte. Perante uma platéia desrespeitosa e desatenta o ministro Moreira Alves, eminente servidor do arbítrio, fez seu tedioso pronunciamento. Senadores e deputados que não ligam para o presente e querem regular o futuro nem ao menos tomaram assento ou assumiram postura digna para o que se pretendia fosse uma solenidade. Presidente Sarney, a mente em delírio, sempre temeroso, entrou pelo porão.

(Este senhor, para aqueles não familiarizados com o nome, vem a ser o personagem símbolo, das lanchonetes McDonalds, o clown dos seus anúncios. Pois bem, melhor que qualquer outro, melhor que o Jair Menghell ou o Mário Amato, foi ele que com a tabela de seus hambúrgueres provou que a sala dos economistas do Dflson não fazia

mais qualquer sentido. E começou o descongelamento.)

A insensibilidade e despreparo dos governantes não é entretanto privilégio do Executivo. Por sua vez, o Legislativo, a rigor, nem funciona mais e todo o escasso tempo dos deputados e senadores deverá se voltar para a elaboração da Constituinte. Isto quando conseguirem terminar a partilha de cargos, vantagens e moradias a qual se dedicam neste momento com exclusivo afinho.

(É verdadeiramente incrível o que se passa. O País no meio de uma de suas maiores crises e nem um só escasso deputado ou senador dela se ocupa. É como se não lhes dissesse respeito, como se fossem marçianos em visita às laranjas do Congresso. E haja suco para tantos mamadores.)

O distanciamento da realidade atinge pois, igualmente, Executivo e Legislativo e com eles todo o complexo burocrático que viceja na ilha da fantasia. Como pura e simplesmente os políticos não estão à altura do País e este recusa-se a parar e fenece, a confusão e o fosso aumentam a cada dia.

Mas, em determinado momento, as câmeras mostraram um menino maltrapilho, um surrão ao ombro, passando distraído pelo aparato policial e subindo decidido pela entrada principal.

Indagado por repórteres, o garoto andrajoso, nem assustado nem curioso, exprimindo-se na linguagem tosca, quase incompreensível, das crianças abandonadas, os Mowglis de nossas ruas, disse morar na "doviária" e ter vindo ali, atraído pela festa, pedir um "lan".

Uma cena exemplar. Nos salões a turbamulta de políticos, apertando-se freneticamente, gulosos sem pudor, na busca da mão de ministro, do olhar do presidente, na busca de coisa nenhuma. Lá fora, sentado a um canto, o pobrezinho de Jesus, mordendo esfomeado o sanduíche, dado por algum espírito caridoso. A vontade de comer e a fome.

Tão perto e tão longe. Dois brasis.